



ENTREVISTA

ENTREVISTA COM MAURICIO MURAD¹

CPF: A partir das reflexões do seu livro *Sociologia e educação física*, fica clara a importância desta conexão, sociologia e educação física, para o entendimento do campo esportivo. Em sua análise, quais são as principais contribuições da sociologia para o profissional que trabalha com esportes no âmbito educacional e do lazer?

Mauricio: São várias as contribuições, mas a primeira, e que eu acho a mais importante delas, é entender o esporte como educação. Esse é o maior entendimento sociológico da atividade esportiva, mais do que o esporte como atividade profissional, mais ainda do que o esporte como atividade do alto rendimento, é o esporte como formação, como integração, como construção de valores, como organização de grupos e de segmentos sociais através da atividade esportiva. Toda atividade esportiva deve ter como pano de fundo a atividade educacional, isso é uma contribuição teórica e prática imensa que a sociologia pode, deve e tem efetivamente auxiliado a todos aqueles que estudam, refletem, escrevem e que são os operadores práticos do esporte. Se desse contexto educacional, que deve ser amplo, geral e irrestrito, puderem sair atletas para o alto rendimento, por que não? Ótimo, que saiam. Mas nós sabemos que, dentro de um número enorme de praticantes do esporte, apenas um pequeno número se torna realmente um atleta para galgar as escalas do alto rendimento. Então, a grande escala sociológica do esporte é a educação, e a educação numa perspectiva social, histórica e antropológica. É como disse o Paulo Freire, “a educação sozinha não transforma nenhuma realidade social, mas sem a educação nenhuma realidade social pode se transformar satisfatoriamente e profundamente”. Então a educação é um instrumento fundamental para o entendimento e as tentativas de mudança da sociedade onde ele está inserido, onde a educação está inserida. No contexto educacional, com essa perspectiva de entendimento e de contribuição para mudança, o esporte tem um papel essencial, porque o esporte trabalha as diversas modalidades possíveis. Podemos imaginar do futebol à capoeira; do

¹ Sociólogo formado pela UFRJ, doutor em Sociologia dos Esportes pela Universidade do Porto/Portugal e coorientação pelo INEF de La Coruña/Espanha. Autor de livros, capítulos de livros e artigos científicos publicados no Brasil e no exterior. E-mail: m.mauriciomurad@gmail.com.

atletismo à natação; do voleibol ao tênis; do basquete ao xadrez, à dama, quer dizer, todos. São infinitas as modalidades de esportes. Esportes de água, de quadra, de campo, de montanha, de mesa. Tudo isso trabalha com uma dimensão fundamental que os gregos estruturaram teórica e conceitualmente há dois mil anos ou mais, que é o conceito do lúdico, a brincadeira, o jogo, o entretenimento, porque a vida humana e o ser humano podem e devem ser negócio, compromisso, planejamento, objetivo, metas a serem alcançadas, racionalidade. Mas podem e devem também ser, ao lado do negócio, o ócio; ao lado da seriedade, a brincadeira; ao lado do planejamento, a liberdade criativa; ao lado da racionalidade, a emoção, o afeto, o prazer, o gozo, a alegria, a sensibilidade. O esporte é uma atividade, entre outras — a arte também faz isso —, que conjuga, traduz, sintetiza muito bem essas duas dimensões humanas. De um lado, a racionalidade que os gregos identificavam com o mito de Apolo, da seriedade, da retidão, do planejamento; e, de outro lado, o mito de Dionísio, que é a emoção, a razão e a emoção juntas. Isso faz o ser humano. Isso pode ajudar a trabalhar no ser humano o seu lado melhor. Então, o esporte é fundamental para ajudar a educação a trabalhar no sentido de uma sociedade mais igualitária, mais generosa, e onde o prazer possa conviver com a obrigação. O ócio com o negócio e a emoção, a vida, o sentimento, com o planejamento.

CPF: Henning Eichberg foi um sociólogo alemão que viveu muito tempo na Dinamarca, considerado o pai filosófico do Esporte para Todos. Ele diz assim: “O esporte não é só esporte, mas cultura social. Não existe apenas um esporte, mas existem tantos esportes quanto existem culturas e socialidades em uma determinada sociedade”. A pergunta é a seguinte: como podemos preservar o esporte como cultura social, pensando nas culturas tradicionais locais, e menos no esporte globalizado e institucionalizado?

Mauricio: A colocação é perfeita. Ela tem embutido um projeto filosófico, sociológico, histórico e político. O esporte tem que ser para todos. Como preservar o esporte como cultura e como culturas? É através da educação. Nenhum país que desenvolveu uma política esportiva efetiva, forte, consistente, conseguiu fazer isso fora do âmbito educacional. Eu estive pouco tempo atrás, antes da pandemia, visitando Cuba. Saí de Cuba e fui para os Estados Unidos. Passei longos meses somando os dois países, estudando a política educacional de cada um deles. Países diferentes, com regimes sociais e políticos diferentes, com histórias diferentes, com

etnias, tudo diferente, tudo. No entanto, em ambos, o que eu vi, o que eu aprendi, o que eu pude constatar é que a política esportiva era basicamente a mesma e, por isso, os esportes lá, no plural, dão tão certo. O que era essa política nos dois países? Primeiro, o esporte é para todos. Segundo, o esporte vinculado às escolas e universidades; o esporte como atividade educacional. Terceiro, o esporte como elemento de absorção das culturas locais, através não somente da educação formal, das escolas formais, das instituições de ensino, mas de todas aquelas atividades que nos contextos locais podem trabalhar com a educação, com a formação, com a construção de valores, com a integração das pessoas. Em instituições de renome, como Sesc, como Senac, e mesmo em atividades mais simples, mais acanhadas, mas que fazem um grande trabalho, como as mais de 70 mil escolinhas ou centros comunitários em todo o Brasil, que trabalham o esporte como um instrumento de educação e como um instrumento, não como panaceia para transformação social, não como um remédio para todos os males, mas como contribuição. Esses centros trabalham com a capoeira. A capoeira é uma modalidade artística, esportiva, musical e coreográfica. A capoeira está em mais de 170 países no mundo, inclusive é considerada uma atividade que divulga, difunde, fortemente a língua portuguesa para o resto do mundo. Então a capoeira é alguma coisa que sintetiza a história política brasileira: a questão do horror da escravidão, a resistência dos negros nos quilombos, depois a proibição da capoeira, que aconteceu também em sequência à proibição do samba, do violão, das modinhas de rua, das serestas, do frevo, do jongo. A capoeira sintetiza, resume, muita coisa das culturas brasileiras, das culturas que compõem a história social do Brasil. Então, o esporte deve ser para todos, sim, e com essa perspectiva de ser esporte o tradutor das culturas que formam a história social de um país.

CPF: Ainda em seu livro *Sociologia e educação física*, você cita os esportes e seus rituais, corpo e suas resistências, artes de raiz e suas sociolinguagens. Como traduzir isso na gestão prática, como fazer florescer e preservar esses rituais e sociolinguagens para além da educação formal?

Mauricio: Eu acho que uma maneira de colocar isso na prática, de uma forma consistente, alargada e de grande alcance, é trabalhar sempre com equipes multidisciplinares. As equipes multidisciplinares permitem a conjugação de diferentes linguagens teóricas, científicas, diferentes conceitos e diferente integração de métodos e práticas. Eu acho que a

equipe multidisciplinar haverá sempre de, na prática, ser muito positiva e muito produtiva nos seus resultados e no seu alcance. Esse é um ponto. O segundo ponto é entender que realmente o esporte é uma organização social, é um lúdico socialmente organizado, com regras, com hierarquias, com objetivos, com competições. Mas a dimensão que está por trás é a dimensão do lúdico, do jogo, da brincadeira e do prazer. Esse jogo, esse lúdico, tem a ver com as linguagens do corpo, é o corpo em movimento, é o corpo que fala. Então, as modalidades esportivas estão muito além das atividades formais, das atividades de alto rendimento, das competições e dos torneios. Elas estão nas ruas, nos parques, nas quadras polivalentes das praças; elas estão na pelada, que é o jogo de rua; no peladão de Manaus, que reúne quase 2 mil grupos indígenas, uma espécie de Olimpíada indígena; elas estão nas ladeiras; elas estão no baba da Bahia, no canto de Santa Catarina. Então, no jogo de rua. Todas essas atividades devem trabalhar a liberdade dos indivíduos no sentido da atuação do corpo e suas linguagens. A partir daí, isso é educativo. Isso pode caminhar ou não para o alto rendimento. A possibilidade do esporte formal, do esporte organizado em clubes, federações e competições é uma possibilidade, mas não é a única nem a maior. A maior é o esporte como educação, é o esporte desenvolvendo essa ludicidade humana, no sentido de que, através do prazer da atividade esportiva, que todas as crianças e todos os adolescentes ou praticamente todos têm, nós podemos construir adultos melhores, no sentido de que cada adulto consiga, através do prazer do jogo e do esporte, recuperar aquela criança que esteve nele e que foi abandonada ao longo da sua história. Todo adulto que recuperar a sua criança estará contribuindo para a melhorar a si e melhorar a relação com os outros.

CPF: Norbert Elias teorizou o esporte e os processos civilizatórios. Como você analisa a normatização de conduta nos esportes?

Mauricio: O esporte por ser uma atividade formal; o esporte de alto rendimento, da competição, dos torneios, das disputas, ele é normatizado. Não tem muito jeito de fugir disso. Mas eu acho que nós devemos entender o esporte de um ponto de vista sociológico, histórico e antropológico, que é uma atividade maior do que a atividade esportiva normatizada, ela é uma atividade da expressão do corpo, ela é uma atividade da expressão das pessoas no seu processo de integração social, ela é uma atividade que permite a livre criatividade, é uma atividade que permite

a improvisação, que permite a ruptura de normas, a ruptura de regras. Então esse tipo de esporte, que é o conceito mais amplo, o esporte da atividade criativa, lúdica, de improvisação, de integração, onde todos os corpos, grandes ou pequenos, magros ou gordos, brancos ou negros, de homens ou mulheres, de quaisquer orientações sexuais, qualquer um pode e deve praticar o esporte. Nós vemos que o que era normatizado no passado, exclusivamente, agora tem sofrido um processo de ruptura, e o esporte tem essa capacidade, eu diria revolucionária, de implodir por dentro a carece, o controle, a imposição e a normatização excessiva. O esporte do alto rendimento é um, mas a grande atividade histórica, antropológica e sociológica do esporte é essa, de produzir uma linguagem e de trabalhar essa linguagem do lúdico, da improvisação, do não controle, do ócio, da atividade em que você consegue integrar, aceitar e promover todas as pessoas. O Esporte para Todos é isso, é o esporte que permite, em suas atividades, em suas mínimas regras, a permissão para o imprevisto e para a inclusão de todas as pessoas que, sendo boas ou não naquela atividade, têm o direito humano de praticá-la. Isso é fundamental no processo de formação de crianças e adolescentes.

CPF: Quais são as lacunas existentes na área acadêmica para o entendimento do esporte para o desenvolvimento humano?

Mauricio: Já melhorou muito, mas ainda há muitas lacunas. Por exemplo, o esporte, e em algumas modalidades de forma mais acentuada, ainda há muitos preconceitos na área acadêmica em relação aos estudos, às práticas desses temas, entendendo que são temas menores. Como disse muito bem o Umberto Eco, um dos intelectuais de maior impacto na história do século XX, não há temas menores ou maiores para a pesquisa acadêmica, para a pesquisa universitária, para a pesquisa científica. A forma de trabalhar e o processo de produção de conhecimento daí resultante é que podem ser vistos como menores ou maiores. Então é tão espetacular, tão revelador e tão impactante para a experiência humana, de quaisquer culturas, o estudo da arte sacra ou do futebol. O estudo das relações, da diplomacia internacional em períodos de conflito e a capoeira. Da grande arte universal do teatro, da ópera ou do atletismo. Então todas as atividades podem e devem ser estudadas. O esporte, em suas diversas modalidades, tem um impacto tão grande na vida das pessoas. Esse impacto não é só econômico, financeiro e mercadológico, ele é também isso, mas ele é, acima de tudo, um impacto cultural. O esporte

é economia, é política, é negócio, mas, antes disso, o esporte é e deve ser visto como cultura. Então, como cultura que é, que impacta milhões e bilhões de pessoas, uma Copa do Mundo é o fenômeno mais impactante da mídia, os Jogos Olímpicos também. Aliás, é importante estabelecer uma diferença conceitual, já que você falou corretamente dos conceitos, entre os Jogos Olímpicos e Olimpíadas. Os gregos estabeleceram isso, e o barão Pierre de Coubertin, quando recuperou os Jogos Olímpicos e recriou os chamados Jogos Olímpicos da Era Moderna, ele fez essa diferença conceitual que eu acho fundamental, que é a seguinte: Jogos Olímpicos é aquele período de vinte, trinta dias em que há as disputas pelas conquistas de medalhas, de títulos, de bater recordes etc.; Olimpíada e aquele longo período que separa o período dos Jogos do outro período dos Jogos. Quer dizer, esse longo período de preparação é chamado de Olimpíadas. Por quê? A atividade esportiva deve ser uma atividade permanente na vida das pessoas, como a educação e como a saúde, ou pelo menos deveriam ser, a educação e a saúde e o esporte também. Isso foi conceituado pelos gregos na Grécia Clássica e recuperado pelo barão Pierre de Coubertin. Então quando as Olimpíadas acabaram no Rio de Janeiro, acabaram, na verdade, os Jogos Olímpicos, aquele período de vinte, trinta dias em que se disputa a medalha. A partir dali começaram as Olimpíadas do Japão, que vão ser realizadas agora com atraso, por conta da pandemia. Então esse longo período de preparação, de educação, de treinamento corporal, de treinamento de grupo, todo esse período são as Olimpíadas, para que durante um curto período tenhamos os Jogos Olímpicos, como vamos ter, repito, agora no Japão. Portanto, o esporte, as diversas modalidades esportivas, abarcam toda a vida social. O lado econômico, financeiro, o trabalho, a empregabilidade, a organização das instituições, a escola, o investimento, as diversas e múltiplas e variadas culturas que compõem uma sociedade. Então, como a universidade pode ficar fora disso? Só mesmo por preconceito, por uma visão estreita, de não estudar esses chamados temas da cultura popular. Então esse é um vácuo, uma lacuna. Eu lembro quando, em maio de 1990, tive o prazer de criar o Núcleo de Sociologia do Futebol, na UERJ, no Departamento de Ciências Sociais, este foi o primeiro centro permanente de estudos e pesquisas do futebol em universidades brasileiras. Veja só, em 1990 não tinha ainda, havia estudos, estudos importantes, mas não um centro permanente de pesquisa, que estudasse em caráter permanente — no nosso caso, foi o futebol, mas poderíamos alargar isso para diversas outras modalidades esportivas. Não havia um centro que estudasse em caráter permanente o futebol, o futebol como cultura, como mídia, como instrumento de comunicação, como educação, como emprego, como desemprego. O futebol, ou outras modalidades esportivas, como

expressão da vida social brasileira, por exemplo, da desigualdade social, do racismo, da concentração de renda, das políticas públicas. Eu costumo dizer que a universidade do Brasil, o endereço dela é o Brasil. Então ela expressa, ela revela as contradições, os preconceitos da vida brasileira, infelizmente. Agora, há muita gente dentro da universidade lutando contra isso, para que a universidade se abra, para que a universidade tenha uma perspectiva mais inclusiva, mais cultural e com os pés mais fincados na realidade, e sem o preconceito de hierarquizar temas menores ou temas maiores. Essa, para mim, é a grande lacuna do meio acadêmico. Já melhorou, repito, porque tem muita gente, no chamado contraespaço ideológico das instituições, ampliando, alargando esses contraespaços ideológicos no sentido de a universidade ser mais inclusiva. Mas é preciso ainda avançar muito e, em consequência disso, abrir cursos, eventos e atividades que incluam o esporte.

CPF: Como podemos transcender o esporte para a inclusão social, diversidade e desenvolvimento humano? Como fazer as correlações sócio e psicodinâmicas?

Mauricio: Isso é muitíssimo importante. Na verdade, a atividade esportiva sempre teve essa dimensão sócio e psicodinâmica. O Fernando de Azevedo, que foi um grande sociólogo brasileiro, um dos pais da sociologia da educação no Brasil, que também trabalhou muito a parte esportiva exatamente por isso, porque ele entendia o esporte tendo como pano de fundo a educação, ele já desenvolveu trabalhos e artigos científicos sob essa dimensão sócio e psicodinâmica do esporte. Hoje, na atualidade, uma dimensão fundamental, um campo fundamental dessa dimensão, é exatamente a inclusão e a diversidade. Eu acho que os esportes têm que estar abertos para todas as opções, para todas as raças, para todas as etnias, para todos os gêneros, para todas as nacionalidades, para todos os tipos físicos. As Olimpíadas têm os Jogos Olímpicos e os Jogos Paralímpicos. É uma maravilha como exemplo de vida, como dimensão sócio e psicodinâmica, você ver, como eu já acompanhei, um basquetebol de cadeirantes e muitos sem braços. Esses esportes paralímpicos são a demonstração da capacidade imensa que o ser humano tem do afeto, da sensibilidade, como não há limites quando há uma vontade, um empenho e o ser humano investe naquilo. Quando ele tem apoio institucional, apoio de políticas públicas, que hoje, no Brasil, se apresenta em um percentual muito baixo, menos de 5%. Olha como estamos defasados. Então, o

esporte, como as artes também, eu insisto, mostram essa capacidade de criação. Os esportes paralímpicos são a revelação disso, dentre outras coisas. Então, que os esportes, que as modalidades, que todos aqueles que trabalhem com os esportes tenham essa perspectiva da acessibilidade, do afeto, do prazer, essa ideia da educação no seu sentido mais amplo, não só uma educação formal, uma educação de aprendizado de conteúdos, mas uma educação que trabalhe a formação, que trabalhe valores, que trabalhe ética, que trabalhe a inclusão, que aceite a diversidade como uma possibilidade humana, que todos nós temos que aceitar. O esporte, então, deve ser um exemplo e, em muitos casos, já vem sendo, mas deve aprofundar, avançar e multiplicar a sua capacidade de incluir todos, de quaisquer opções, de qualquer sentido que a gente possa pensar.